

## O TRATAMENTO DE MARCAS DIATÓPICAS PARA AS DENOMINAÇÕES DE “BRINQUEDO DE EMPINAR (COM VARETAS)”: UM ESTUDO COM BASE EM DICIONÁRIOS ESCOLARES DO TIPO 04

THE TREATMENT OF DIATOPIC MARKS FOR THE NAMES OF ‘SPINNING TOYS (WITH STICKS)’: A STUDY BASED ON SCHOOL DICTIONARIES OF TYPE 04

Kamilla de Lima Vieira (UFMS)<sup>1</sup>

[kamillalvropelato@gmail.com](mailto:kamillalvropelato@gmail.com)

**RESUMO:** O presente artigo busca evidenciar e discutir o tratamento lexicográfico dado às marcas diatópicas para as denominações de “brinquedo de empinar (com varetas)” – *pipa*, *papagaio*, *pandorga* e *raia*, em dicionários escolares do tipo 4 – Houaiss (2012), Unesp (2012), Bechara (2011) e Aulete (2011). Pretendemos verificar se essas unidades estão registradas na macroestrutura desses dicionários escolares, bem como, averiguar e avaliar as marcas diatópicas na microestrutura dos verbetes referentes a estas denominações em relação aos dados do Projeto do Atlas Linguístico do Brasil (AliB), a partir de carta linguística das capitais. Apoiar-nos-emos nos conceitos básicos da Lexicografia, Dialetologia, Sociolinguística e Geolinguística. Por fim, tecemos uma discussão com base em documentos como, a Base Comum Curricular (BNCC), a importância de esses dicionários enquanto materiais didáticos considerar os registros da heterogeneidade linguística brasileira, visto que, o dicionário como produto lexicográfico é por excelência também cultural, pois ao registrar o léxico, o *legitima* (KRIEGER, 2012), e, por conseguinte, passa a refletir os rastros sócio-histórico-culturais de uma comunidade de fala.

**PALAVRAS-CHAVE:** Lexicografia; Dicionário escolar; Marca diatópica; Projeto AliB.

**ABSTRACT:** This article seeks to highlight and discuss the lexicographical treatment given to diatopic marks for the designations of “cram toy (with sticks)” – *pipa*, *pargaio*, *pandorga* and *raia*, in type 4 school dictionaries – Houaiss (2012), Unesp (2012), Bechara (2011) and Aulete (2011). We intend to verify if these units are registered in the macrostructure of these school dictionaries, as well as to investigate and evaluate the diatopic marks in the microstructure of the entries referring to these denominations in relation to the data from the Linguistic Atlas of Brazil Project (AliB), from a linguistic letter of capitals. We will rely on the basic concepts of Lexicography, Dialectology, Sociolinguistics and Geolinguistics. Finally, we weave a discussion based on documents such as the Common Curricular Base (BNCC), the importance of these dictionaries as teaching materials to consider the records of Brazilian linguistic heterogeneity, since the dictionary as a lexicographical product is also cultural, par excellence, because when registering the lexicon, it legitimizes it (KRIEGER, 2012), and, therefore, begins to reflect the socio-historical-cultural traces of a speech community.

**KEYWORDS:** Lexicography; School dictionary; Diatopic mark; AliB Project.

<sup>1</sup> Mestranda no Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens, FAALC, UFMS.

## 1 Introdução

Pipa, pandorga, papagaio ou raia? Essas são apenas algumas das denominações para o ‘brinquedo de empinar (com varetas)’ faladas em diversos rincões do Brasil. Estudar o léxico de uma língua é receber um convite de chegar “[...] mais perto e contempla(r)<sup>2</sup> as palavras” com já dizia Drummond. É certo, que o léxico enquanto *tesouro vocabular* de uma dada língua, como bem nos lembra Biderman (1992), evidencia as varias facetas da vida do homem, dentre elas seu lugar de origem.

Nesse sentido, as variações diatópicas ou regionais, ilustram os particulares dos falares de cada região revelando os percursos histórico-geográficos, sociais, culturais pertencente a cada comunidade de fala. Para Mussalin & Bentes, a variação diatópica ou “variação geográfica (...) está relacionada às diferenças linguísticas distribuídas no espaço físico, observáveis entre falantes de origens geográficas distintas.” (MUSSALIN & BENTES, 2006, p. 34).

Entender a heterogeneidade presente no sistema funcional da língua é de extrema importância no âmbito educacional, para isso, além do papel do professor, temos a presença dos livros didáticos, atrelados ao uso do dicionário, produtos lexicográficos cada vez mais presentes em salas de aulas, desempenhando em conjunto um papel também didático. Krieger (2011) ressalta que:

(...) todo e qualquer dicionário é didático, na medida em que traz inúmeras informações sobre o léxico, a língua e a cultura. E, como tal, ajuda o aluno a escrever, a expressar-se bem, oferecendo-lhe informações sistematizadas sobre as palavras, seus usos e sentidos, bem como sobre aspectos gramaticais e históricos. (KRIEGER, 2011, p. 109).

Nessa perspectiva, não há como falar de dicionários, sem situarmos a ciência que se dedica a estudá-los. A Lexicografia, assim como, a Lexicologia e a Terminologia é uma das ciências do léxico, definida segundo Hwang (2010) como “[...] ciência que tem

<sup>2</sup> Grifo nosso.

como objeto de estudo os problemas teóricos e práticos relativos à elaboração e produção de dicionários.” (HWANG, 2010, p. 33).

Isto posto, pretendemos neste trabalho verificar o tratamento lexicográfico dado às denominações de “brinquedo de empinar (com varetas)” em dicionários escolares do PNLD tipo 4: Houaiss (2012), Unesp (2012), Bechara (2011) e Aulete (2011), assim como, a presença de marcas diatópicas registradas nas microestruturas dos verbetes dessas denominações, tendo em vista a afirmação de Castillo Caballo (2003), em que tem aumentado o interesse dos dicionaristas em registrar “[...] termos restringidos geograficamente [...]” (CASTILLO CABALLO, 2003, p. 99). Para tanto, será utilizado como fonte de consulta a carta linguística (ANEXO I) do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (AliB) (CARDOSO et al, 2014), referente a pergunta 158 do QSL – questionário semântico-lexical – “brinquedo de empinar (com varetas)”, cuja denominações para o referente são: *pipa, papagaio, pandorga e raia*. A seguir, os pressupostos teóricos.

## 2 Pressupostos teóricos

A ciência lexicográfica tem de fato seu despontar nos séculos XVI e XVII, com a produção de dicionários. No entanto, ainda não se havia consolidado de tudo, visto que, ao ser compreendida como a arte ou técnica de se elaborar dicionários, o teor científico e por extensão teórico ficava a cargo da Lexicologia, nessa linha, a Lexicografia era tida como a arte e técnica de se elaborar dicionários. Dapena (2002) as diferencia da seguinte forma:

[..] la lexicografia vendría a ser, literalmente ‘la descripción del léxico’, frente a la lexicología, que, por otra parte, representaría ‘el tratado del léxico’. Ambas disciplinas poseerían un objeto común, el léxico, pero enfocado desde perspectivas diferentes (PORTO DAPENA, 2002. p. 16).

Com o avançar dos estudos Welker (2004) contribuindo para os estudos desenvolvidos na década de 70 e 80, como de Josette Rey-Debove, Alain Rey, Bernard Quemada, Fernandes Sevilla e Werner, apresenta suas contribuições para a Lexicografia enquanto uma ciência de duas vertentes:

O termo lexicografia tem dois sentidos: numa acepção – na qual se usa também a expressão lexicografia prática – ele designa a “ciência”, “técnica”, “prática” ou mesmo “arte” de elaborar dicionários. [...] para a outra acepção – a lexicografia teórica – emprega-se freqüentemente, em línguas como o inglês, francês e alemão, o termo metalexicografia. [...] A metalexicografia abrange: o estudo de problemas ligados à elaboração de dicionários, a crítica de dicionários, a pesquisa da história da lexicografia, a pesquisa do uso de dicionários (WELKER, 2004. p. 11).

Assim, para Welker, o lexicógrafo é aquele que produz o dicionário, a tarefa de escrever sobre eles seria do metalexicógrafo. Outra distinção é dada por Barbosa (1991) considerando a relação de interdependência entre as duas vertentes. Segunda ela, a lexicografia se preocupa com a “produção de dicionários, vocabulários técnico-científicos, vocabulários especializados e congêneres” e a Metalexicografia seria “epistemología da ciencia lexicográfica” (BARBOSA, 1991. p. 184).

De forma prática, calcado em estudos precursores, Gutiérrez Ordóñez (2020) quando indagado sobre o que seria a Lexicografia, sintetiza-a ressaltando suas duas vertentes:

La lexicografía es la disciplina que explica cómo se diseñan y cómo se edifican esos monumentos de la lengua que son los diccionarios. Posee una parte teórica que hunde sus raíces en conocimientos teóricos (semántica, gramática, ortografía, etimología...) y, a la vez, posee una dimensión aplicada, técnica. (GUTIÉRREZ ORDÓÑEZ, 2020 *apud* PEREIRA, 2021).<sup>3</sup>

Dessa forma, a ciência lexicográfica é hoje nitidamente delimitada com objetos e metodologias próprias, inserindo-se no domínio da linguística aplicada (AZORÍN FERNÁNDEZ, 2003, p. 38). Com base nisso, este estudo se orienta pela vertente da metalexicografia, pois busca verificar em dicionários escolares do Plano Nacional do Livro Didático (PNLD) de tipo 4 o registro das variantes linguísticas para “brinquedo de empinar (com varetas)”, assim como o tratamento lexicográfico dado na microestrutura dos verbetes.

<sup>3</sup> Nota: Retirada da apresentação de PowerPoint da disciplina de “Fundamentos de Lexicografia”, ministrada pelo Prof. Dr. Renato Rodrigues Pereira, no período 2021.1.

Dando continuidade no texto, dentro alguns dos produtos lexicográficos, os dicionários, se caracterizam, segundo Krieger (2012):

A compreensão do dicionário como texto, fortemente moldado pela projeção das necessidades de um conselente, torna-se importante para seu uso como instrumento didático. No contexto da relação dicionário-ensino, é ainda importante salientar que não há apenas “um” ou “o” dicionário escolar, mas dicionários escolares que constituem uma categoria de obras de referência adequadas ao ensino em suas diferentes etapas. Assim como o professor é levado a escolher materiais didáticos adequados aos seus projetos de ensino, precisa também fazer escolhas pertinentes no campo da Lexicografia de valor pedagógico (KRIEGER, 2012. p. 171).

Considerando o dicionário, enquanto, *instrumento* pedagógico, o Ministério da Educação (MEC) que vem avaliando dicionários desde o ano de 2000, passa a incluir ao Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) os dicionários no âmbito escolar. Em 2006 foram incluídos dois tipos de acervos para as salas de aulas, já em 2012 esses dicionários são ampliados chegando ao Tipo 4, como mostra o quadro abaixo.

**Quadro 1:** Distribuição dos acervos propostos pelo PNLD/MEC 2012

Tipos de dicionários	Etapa de ensino	Caracterização
Dicionários de Tipo 1	1º ano do Ensino Fundamental	<ul style="list-style-type: none"><li>▪ Mínimo de 500 e máximo de 1.000 verbetes;</li><li>▪ Proposta lexicográfica adequada às demandas do processo de alfabetização inicial.</li></ul>
Dicionários de Tipo 2	2º ao 5º ano do Ensino Fundamental	<ul style="list-style-type: none"><li>▪ Mínimo de 3.000 e máximo de 15.000 verbetes;</li><li>▪ Proposta lexicográfica adequada a alunos em fase de consolidação do domínio tanto da escrita quanto da organização e da linguagem típicas do gênero dicionário.</li></ul>
Dicionários de Tipo 3	6º ao 9º ano do Ensino Fundamental	<ul style="list-style-type: none"><li>▪ Mínimo de 19.000 e máximo de 35.000 verbetes;</li><li>▪ Proposta lexicográfica orientada pelas características de um dicionário padrão de uso escolar, porém adequada a alunos dos últimos anos do ensino fundamental.</li></ul>
Dicionário de Tipo 4	1º ao 3º ano do Ensino Médio	<ul style="list-style-type: none"><li>▪ Mínimo de 40.000 e máximo de 100.000 verbetes;</li><li>▪ Proposta lexicográfica própria de um dicionário padrão, porém adequada às demandas escolares do ensino médio, inclusive o profissionalizante.</li></ul>

3 Ver, a respeito, BRASIL. SEB. MEC. *Edital do PNLD Dicionários 2012*. Brasília: 2011.

**Fonte:** Edital do PNLD Dicionários 2012.

Os dicionários do Tipo 4, são caracterizados, como vimos acima, com um número máximo de 100.000 verbetes, cuja proposta lexicográfica é atender as demandas dos alunos/consulentes do Ensino Médio, incluindo o nível profissionalizante. Segundo Krieger (2007) os dicionários escolares são de extrema relevância, pois, auxilia no desenvolvimento cognitivo do alunado, uma vez que, contribui para “[...] ampliar o conhecimento do: vocabulário, dos múltiplos significados de palavras e expressões, da norma padrão da língua portuguesa, [...] de usos e variações linguísticas<sup>4</sup>. ” (KRIEGER, 2007, p. 298).

Nessa esteira, os estudos da Sociolinguística, nos ajudam a compreender o fenômeno das variações linguísticas, como “(...) diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade.” (TARALLO, 1989, p. 8). Com a Geolinguística e a Dialetologia, temos os estudos de Brandão (1991), afirmindo que o indivíduo deixa transparecer os rastros de seu país ou região, seu grupo social e sua situação através de sua fala. Desse modo, expor aos alunos/consulentes a heterogeneidade da língua materna é fundamental.

Com base nisso, a Base Nacional Comum Curricular, definida na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996) que norteia os currículos dos sistemas e redes de ensino das Unidades Federativas e as propostas pedagógicas de todas as escolas públicas e privadas de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio, em todo o Brasil, considera no âmbito da disciplina de Língua Portuguesa para o Ensino Médio, na competência 4:

(EM13LP10) Analisar o fenômeno da variação linguística, em seus diferentes níveis (variações fonético-fonológica, lexical, sintática, semântica e estilístico-pragmática) e em suas diferentes dimensões (regional, histórica, social, situacional, ocupacional, etária etc.), de forma a ampliar a compreensão sobre a natureza viva e dinâmica da língua e sobre o fenômeno da constituição de variedades linguísticas de prestígio e estigmatizadas, e a fundamentar o respeito às variedades linguísticas e o combate a preconceitos linguísticos. (BRASIL, 2015. p. 508).

<sup>4</sup> Grifo nosso.

Os dicionários, por serem além de produtos lexicográficos, materiais didáticos de ensino têm procurado inserir a diversidade da língua, um dos meios são as *marcas de uso*: “[...] se utilizan para señalar las restricciones de uso de una palabra.” (GARRIBA ESCRIBANO, 2003, p. 115).

Para o autor a presença dessas marcas são essenciais, sendo classificadas em: *diacrônicas*, *diatópicas*, *diafásicas*, *diastráticas* e *diatécnicas*, além das *marcas de transición semántica*. Para este estudo será considerado as marcas diatópicas, “[...] restricciones de tipo geográfico en el uso de uma palavra [...]” (GARRIBA ESCRIBANO, 2003, p. 116) por registrarem a distribuição geográfica das diversas acepções para um mesmo referente, por meio do registro das variações diatópicas. Nessa linha de raciocínio, o dicionarista “[...] devem ser uma espécie de porta-voz da sociedade, falar em nome dela, e reunir, na nomenclatura dos dicionários, o repertório lexical em uso na sua sociedade e da forma pela qual ela usualmente se exprime.” (BIDERMAN, 1994, p. 28).

Atrelado a esse pensamento, dentre as marcas diatópicas recorrentes nos dicionários, temos as de *regionalismos*. Isquierdo (2003) considera que ao tratarmos de questões de variação, estamos sujeitos a perpassar pelas questões do *regionalismo*, já que, “[...] as marcas dialetais no âmbito do vocabulário de um grupo sócio-linguístico-cultural relacionam-se diretamente à variação espacial (regionalismos) [...].” (ISQUERDO, 2003, p. 166).

Diante dos diferentes níveis para *regionalismo* – geral e específico, temos para *regionalismos* gerais os *brasileirismo*, pois seriam “[...] todo fato linguístico de caráter geral ou regional, que caracterize o português em uso no Brasil, em contraste com o usado na Europa” (OLIVEIRA, 1999 *apud* ISQUERDO, 2006, p. 17). Os *regionalismos* específicos, por sua vez, tomando como base os estudos de Isquierdo (2007) configuram-se como os traços linguísticos específicos dos distintos estados/regiões do Brasil.

O termo brasileirismo, “[...] tem povoado muitas discussões acerca das marcas dialetais em dicionários gerais de língua, nomeadamente nas várias edições do *Dicionário da Língua Portuguesa*, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira.” (ISQUERDO, 2006. p. 15).

Posto que, segundo Oliveira (1999) *apud* Isquierdo (2006) muitas unidades léxicas são classificadas como *brasileirismo*, contudo um olhar mais apurado revela-nos seus usos específicos de determinados estados/regiões, e não como em todo território brasileiro, levando o consulente a entender que *brasileirismos* define a difusão das formas lexicais por todas as regiões. Embasados nestas fundamentações teóricas, a seguir os pressupostos metodológicos.

### 3 Pressupostos metodológicos

As reflexões podem ser partilhadas em relação ao dicionário, enquanto gênero textual, concebido como tal, “[...] o conhecimento das estruturas lexicográficas sói resultar prerrogativa a todos aqueles que queiram usufruir das potencialidades que os repertórios lexicográficos possuem” (PEREIRA; NADIN, 2019. p.1).

Nesse sentido, será relevante para a execução deste estudo a macroestrutura – parte do dicionário, em que a nomenclatura é organizada de acordo com a tipologia da obra; e a microestrutura do verbete – em que temos as informações ordenadas de cada verbete após a entrada, contendo diversos tipos de informação, entre elas, as marcas de uso.<sup>5</sup>

Feitas estas considerações, em um primeiro momento será realizada a verificação da macroestrutura dos dicionários escolares do Tipo 4 estabelecidos pelo PNLD: Houaiss (2012), Unesp (2012), Bechara (2011) e Aulete (2011), as denominações para “brinquedo de empinar (com varetas)” – *pipa, pandorga, papagaio, raia*. Os dados foram fornecidos pelas cartas linguísticas das capitais do Projeto AliB (CARDOSO et al, 2014), pertencentes ao QSL 158. O Projeto AliB (CARDOSO et al, 2014) conta com uma rede de pontos constituída de 250 localidades distribuídas por todo o território nacional e sediado na Universidade Federal da Bahia (UFBA) e coordenado por um comitê Nacional que contempla diferentes instituições: (UFBA, UEL, UFMS, UFC, UFJF, UFRGS, UFPB).

<sup>5</sup> Informações fornecidas, com base na apresentação de PowerPoint da disciplina de “Fundamentos de Lexicografia”, ministrada pelo Prof. Dr. Renato Rodrigues Pereira, no período 2021.1.

Em geral, o objetivo mais amplo do projeto é a descrição do português brasileiro, em sua modalidade oral, a fim de elaborar o Atlas linguístico do Brasil, ampliando o campo de informação e contribuindo para fazer lexicográfico.

Em um segundo momento, será considerado o tratamento lexicográfico que estas unidades léxicas recebem na microestrutura dos verbetes das obras lexicográficas consultadas, mais especificamente o registro de marcas diatópicas. Nesse momento, os dados do ALiB são relevantes, pois apresentam a produtividade de cada unidade lexical, de acordo com a região onde é mais recorrente. Com isso, será possível estabelecer uma comparação para fins de análise entre os dados documentados pelo ALiB (CARDOSO et al, 2014) e a pertinência das marcas diatópicas registradas nos dicionários a serem considerados neste estudo.

Assim, a partir do exposto discorreremos sobre a importância dessas marcas de uso em dicionários escolares do PNLD de tipo 4, tendo em vista, como já mencionado nos pressupostos teóricos, a importância de se tratar em sala de aula a heterogeneidade da Língua Portuguesa, sendo o dicionário concebido aqui como segundo Krieger (2012) o *cartório de registro de palavras* e como tal deve-se levar em conta toda carga cultural que esta carrega em si.

#### 4 Análise dos dados

Para fins de análise os dados foram organizados em quadros, dos quais o primeiro a ser apresentado é segundo as informações contidas no dicionário Houaiss (2012) e Aulete (2011). Para leitura e compreensão dos quadros, se faz necessário ter em conta as seguintes informações: a) a primeira coluna considera o registro das variantes; b) a segunda e terceira coluna considera o tratamento lexicográfico dos dicionários – quando a variante não estiver registrada, lê-se *variante não registrada*. No entanto, quando a variante estiver registrada, mas seu registro de marcação diatópica não – lê-se: *não há marcação*; c) a quarta coluna *dados do ALiB*, são apresentadas as informações do Atlas, quanto a recorrência geográfica de cada variante. A seguir, o quadro 1.

**Quadro 1. Tratamento lexicográfico. Dicionário escolar Houaiss (2012) e Aulete (2011).**

Variantes	Hoauiss (2012)	Aulete (2011)	Dados do AliB
<b>Pipa</b>	Não há marcação	Brasileirismo	Todas as capitais;
<b>Pandorga</b>	Brasileirismo	Brasileirismo	Centro-Oeste (exceto Goiás) e Sul (todas as capitais);
<b>Papagaio</b>	Não há marcação	Não há marcação	Todas as capitais;
<b>Raia</b>	Variante não registrada	Variante não registrada	Nordeste (exceto Maranhão, Piauí, Rio Grande do Norte, Pernambuco e Paraíba); Centro-Oeste (exceto Mato Grosso e Mato Grosso do Sul); Sudeste (exceto Minas Gerais e Rio de Janeiro); Sul (exceto Santa Catarina e Rio Grande do Sul).

**Fonte:** Elaborado pela autora, com base nos dados do AliB e no Dicionário escolar de tipo 4 Hoauiss, 2012.

No quadro acima se observa o registro de três variantes para “brinquedo de empinar (com varetas)” das quatro. A variante ‘pipa’ é registrada na nomenclatura dos dicionários escolares considerados no quadro, contudo, é somente no dicionário Aulete que temos uma marca diatópica brasileirismo, uma marcação genérica, macroespacial.

Em relação ao AliB (CARDOSO et al, 2014), vê-se que está marca de uso converge no que tange tanto ao banco de dados do Projeto, quanto a teoria defendida nos pressupostos teóricos.

A variante ‘pandorga’ registrada nos dois dicionários como brasileirismo diverge dos dados do AliB (CARDOSO et al, 2014), e da teoria considerada neste estudo, visto que, entendemos brasileirismo como regionalismo geral “[...] que caracterize o português em uso no Brasil, em contraste com o usado na Europa” (OLIVEIRA, 1999 *apud* ISQUERDO, 2006. p. 17). A variante em questão dá indícios de um regionalismo específico, pois tem um traço linguístico específico das regiões Centro-Oeste (exceto Goiás) e Sul (todas as capitais).

Por sua vez, a variante papagaio presente em todas as capitais não há nenhuma marcação de seu uso, sendo relevante em uma futura (re)publicação desses dicionários ser acrescentada a marca diatópica de brasileirismo. Por fim, a lexia raia documentada pelo AliB (CARDOSO et al, 2014), nas regiões Nordeste (exceto Maranhão, Piauí, Rio Grande do Norte, Pernambuco e Paraíba); Centro-Oeste (exceto Mato Grosso e Mato Grosso do Sul); Sudeste (exceto Minas Gerais e Rio de Janeiro) e Sul (exceto Santa Catarina e Rio Grande do Sul) não é registrada em nenhum dos dicionários acima.

Em sequência a análise, o Quadro 2 visualiza o tratamento lexicográfico dado nos dicionários escolares Bechara (2011) e Unesp (2012).

**Quadro 2. Tratamento lexicográfico – Dicionários escolares Bechara (2011) e Unesp (2012).**

Regionalismos	Bechara (2011)	Unesp (2012)	Dados do AliB
<b>Pipa</b>	Não há marcação	Brasileirismo	Todas as capitais;
<b>Pandorga</b>	Brasileirismo	Espanhol	Centro-Oeste (exceto Goiás) e Sul (todas as capitais);

<i>Papagaio</i>	Não há marcação	Não há marcação	Todas as capitais;
<i>Raia</i>	Variante não registrada	Variante não registrada	Nordeste (exceto Maranhão, Piauí, Rio Grande do Norte, Pernambuco e Paraíba); Centro-Oeste (exceto Mato Grosso e Mato Grosso do Sul); Sudeste (exceto Minas Gerais e Rio de Janeiro); Sul (exceto Santa Catarina e Rio Grande do Sul).

**Fonte:** Elaborado pela autora, com base nos dados do AliB e no Dicionário escolar de tipo 4 Hoauiss (2012).

No Quadro 2, verifica-se na lexia ‘pipa’ a marca diatópica brasileirismo no dicionário Unesp (2012), convergindo com a teoria defendida para o termo e os dados apresentados pelo Projeto AliB (CARDOSO et al, 2014). Quanto ao dicionário Bechara (2011) essa variante não recebe nenhuma marcação de uso. A variante ‘pandorga’ é registrada em Bechara (2011) como brasileirismo<sup>6</sup> e em Unesp (2012) como espanhol. Uma possível justificativa, é dada pelo Projeto AliB, visto que, essa variante é recorrente de regiões fronteiriças de países hispanos - Centro-Oeste (MS e MT) fronteira com Bolívia e Paraguai; e Sul (todas as capitais) fronteira com Uruguai e Argentina, o que dá indícios de contato entre línguas. Os dados de atlas regionais, como o Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul (ALMS) (ANEXO II), Atlas Linguístico de Corumbá e Ladário (ALiCola) (ANEXO III) e Atlas lingüístico do município de Ponta Porã – MS (ANEXO IV) ratificam os dados do Projeto AliB (CARDOSO et al, 2014).<sup>7</sup>

Por outro lado, a variante ‘papagaio’ não recebe o registro de marca diatópica, sendo recorrente em todas capitais das regiões brasileiras. ‘Raia’ assim como nos

<sup>6</sup> Nota: Marca já discutida na analise do quadro 1.

<sup>7</sup> Nota: A variante ‘pandorga’ ainda que recente, também é registrada no espanhol, no dicionário da Real Academia Espanhola (RAE) em uma das acepções “[3. f. Cometa que se sube en el aire.]” a palavra cometa em espanhol corresponde a pipa em português.

dicionários analisados no quadro anterior não apresenta registros, dada sua produtividade, seria interessante em publicações futuras a inserção desta variante em dicionários escolares.

Os dados analisados ratificam a afirmação de Fernández Morell (2015, p. 1) de que há uma série de “[...] problemas ou dificuldades (...) a la hora de marcar correctamente un vocablo dialectal en una obra lexicográfica [...]”. Ainda sim, o estudo possibilitou visualizar em partes o registro de variantes que compõem a norma lexical das regiões brasileiras na nomenclatura dos dicionários contemplados.

## CONCLUSÃO

Para tanto, foi exposto a grande relevância dos Atlas linguísticos, dentre eles o AliB, produto de pesquisas da Dialetologia e Geolinguística, uma vez que, como foi mencionado no tópico dos pressupostos teóricos, a BNCC para o Ensino Médio estabelece como competência 4 o estudo do fenômeno das variações linguísticas, é cabível que os dicionários escolares, enquanto obras didáticas, procurem englobar o máximo possível de informações advindas dessas disciplinas.

Dessa forma, o trabalho buscou contribuir para novas pesquisas, analisando o tratamento lexicográfico dado as variantes linguísticas pipa, pandorga, papagaio e raia, assim como, a pertinência das marcas diatópicas registradas nas microestruturas dos verbetes em relação aos dados do Projeto AliB, estabelecendo um diálogo com o estudo de outras disciplinas, garantindo assim, a intertextualidade científica.

À guisa de conclusão, o estudo procurou alcançar em seu último objetivo, a importância das marcas diatópicas em dicionários escolares do PNLD de tipo 4, tendo em vista a importância de se tratar em sala de aula a heterogeneidade da Língua Portuguesa, revelando aos alunos, o mundo das palavras que constituem o tesouro lexical de uma língua, e são por conseguintes símbolos verbais da cultura. Dessa foram, o dicionário enquanto um registrador do léxico, é um espaço onde podemos explorar as preciosidades que a Língua Portuguesa nos proporciona.

## Referências

- ALENCAR, Beatriz Aparecida. **Atlas Linguístico de Corumbá e Ladário**: uma descrição da língua portuguesa falada no extremo oeste de Mato Grosso do Sul. 2013. 620 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2013.
- AULETE, C. **Dicionário contemporâneo da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.
- BECHARA, E. **Dicionário da Língua Portuguesa Evanildo Bechara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.
- BORBA, F. S. **Dicionário Unesp do português contemporâneo**. Curitiba: Piá, 2011.
- AZORÍN FERNÁNDEZ, Dolores. La Lexicografía como disciplina lingüística. In. MEDINA GUERRA, Antonia, M. (coord.). **Lexicografía española**. Barcelona: Ariel Lingüística, 2003. p. 31-52.
- BARBOSA, M. A. Lexicología, lexicografía, terminología e terminografía: objeto, métodos, campos de atuação e de cooperação. In: **Estudos Linguísticos**, v. 1, n. 39, Franca: Unifran/GEL, 1991. p. 182-189.
- BIDERMAN, M. T. C. A nomenclatura de um dicionário de língua. **Anais de Seminários do GEL**, São Paulo: v.1, n. 23, 1994. p. 26-42.
- BRASIL (BNCC). Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. 2018. Disponível em: <[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf)> Acesso em: 06 jul. 2021.
- BRASIL. SEF/MEC. **Guia de livros didáticos do PNLD 2012**. Dicionários. Brasília: SEF/MEC, 2012.
- CARDOSO, S.; MOTA, J. A. et al. **Atlas linguístico do Brasil**: cartas linguísticas 1. v. 2. Londrina: EDUEL, 2014.
- CASTILLO CARBALLO, María Auxiliadora. La macroestructura del diccionario. In. MEDINA GUERRA, Antonia, M. (coord.). **Lexicografía española**. Barcelona: Ariel Lingüística, 2003. p. 79-101.
- FERNÁNDEZ MORELL, María Lourdes. Las marcas diatópicas del DRAE y los atlas lingüísticos españoles. Correspondencia de áreas y problemas derivados de la marcación diatópica. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10201/46081>>. Acesso em: 05 jul. 2021.
- HWANG, A. D. Lexicografía: dos primórdios à Nova Lexicografía. In: HWANG, A. D.; NADIN, O. L. (org.). **Linguagens em Interação III**: estudos do léxico. Maringá: Clichetec, 2010. p. 33-45.
- HOUAISS, I. A. (Org.). **Dicionário Houaiss Conciso**. São Paulo: Moderna, 2011.

ISQUERDO, A. N. Léxico em tempo e espaço: a questão dos regionalismos. In: MARIM, J. R.; VASCONCELOS, C. A. (org.). **História, religião e identidades**. Campo Grande: Editora da UFMS, 2003. p. 165-181.

ISQUERDO, A. N. Achegas para a discussão do conceito de regionalismos no português do Brasil. **Alfa**. São Paulo, 2006, p. 9-24.

ISQUERDO, A. N. A propósito de dicionários de regionalismos do português do Brasil. In: ISQUERDO, A. N.; ALVES, Ieda Maria (orgs.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia**. v. 3. Campo Grande, MS: Ed. UFMS; São Paulo: Humanitas, 2007. p. 193-208.

KRIEGER, M. G. O dicionário de língua como potencial instrumento didático. In: ISQUERDO, A. N.; ALVES, I. M. (Orgs.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia**, vol. III. Campo Grande: Editora da UFMS, 2007, p. 295-309.

KRIEGER, M. G. Dicionários escolares e ensino de língua materna. **Estudos linguísticos**, São Paulo, 41 (1): p. 169-180, jan-abr 2012.

KRIEGER, M. G. Heterogeneidade e dinamismo do léxico: impactos sobre a lexicografia. **Confluência**, Rio de Janeiro, n. 46, 1. sem. 2014.

MUSSALIN, Fernanda & BENTES, Anna Cristina (2006). **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. Vol.1. São Paulo: Contexto, 2006.

OLIVEIRA, Dercir de. (org.). ALMS. **Atlas linguístico de Mato Grosso do Sul**. Campo Grande: Editora UFMS, 2007.

PEREIRA, Renato Rodrigues. **O dicionário pedagógico e a homonímia: em busca de parâmetros didáticos**. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Universidade Paulista Júlio de Mesquita Filho. Faculdade de Ciências e Letras: Araraquara, 2018.

PEREIRA, R. R. ; Nadin, O. L. (2019). Dicionário enquanto gênero textual: por uma proposta de categorização. **Acta Scientiarum. Language and Culture**, 41(1), e 43835. <https://doi.org/10.4025/actascilangcult.v41i1.43835>.

PEREIRA, R. R. **Fundamentos de Lexicografia**. 2021. 125 slides.

PORTO DAPENA, José-Álvaro. Lexicografía y Diccionario. In. Porto Dapena, José Álvaro. **Manual de técnica lexicográfica**. Madrid: ARCO/LIBROS, S. A., 2002. p. 15-41.

REIS, Regiane Coelho Pereira. **Atlas Linguístico do município de Ponta Porã- MS: um registro das línguas em contato na fronteira do Brasil com o Paraguai**. 2006. Dissertação Mestrado em Letras. Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2006.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1986.

WELKER, Herbert Andreas. **Dicionários. Uma pequena introdução à Lexicografia**. Brasília: Thesaurus, 2004, capítulo 3.

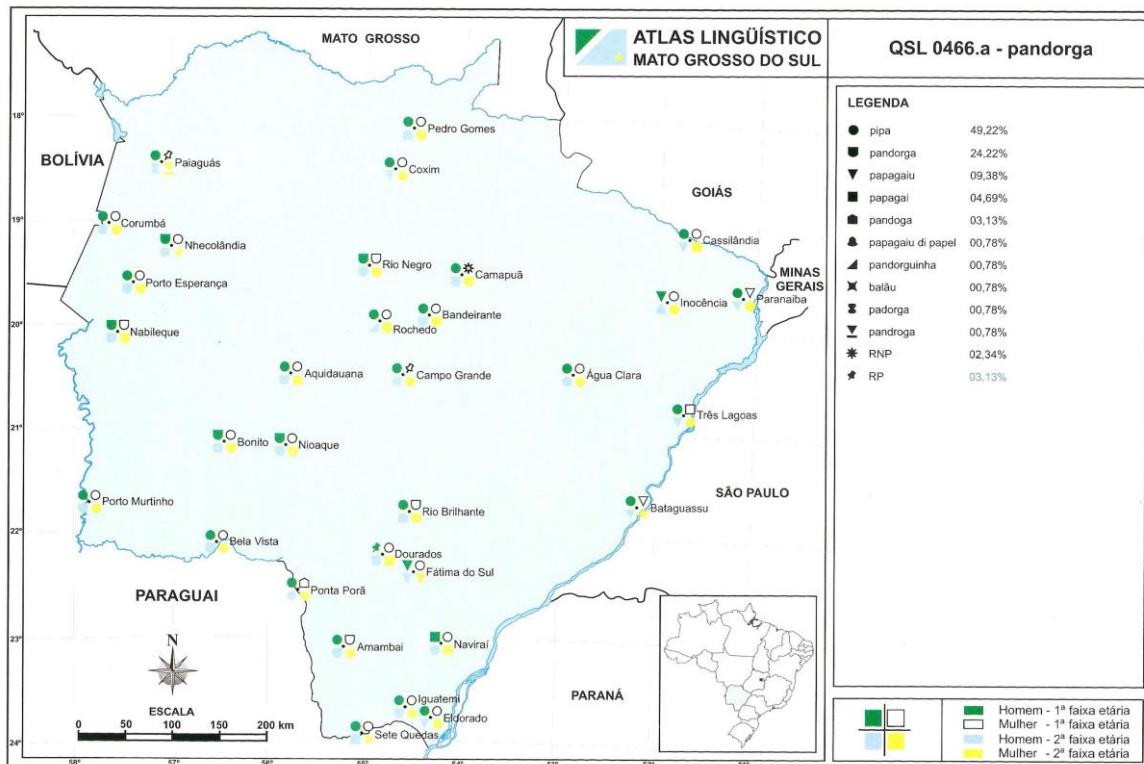
**ANEXOS: ATLAS, MAPAS E CARTAS CARTOGRÁFICAS INDICANDO MARCAS DIATÓPICAS PARA AS DENOMINAÇÕES DE “BRINQUEDO DE EMPINAR (COM VARETAS)”**

**ANEXO I: ATLAS LINGUISTICO DO BRASIL - ALIB**



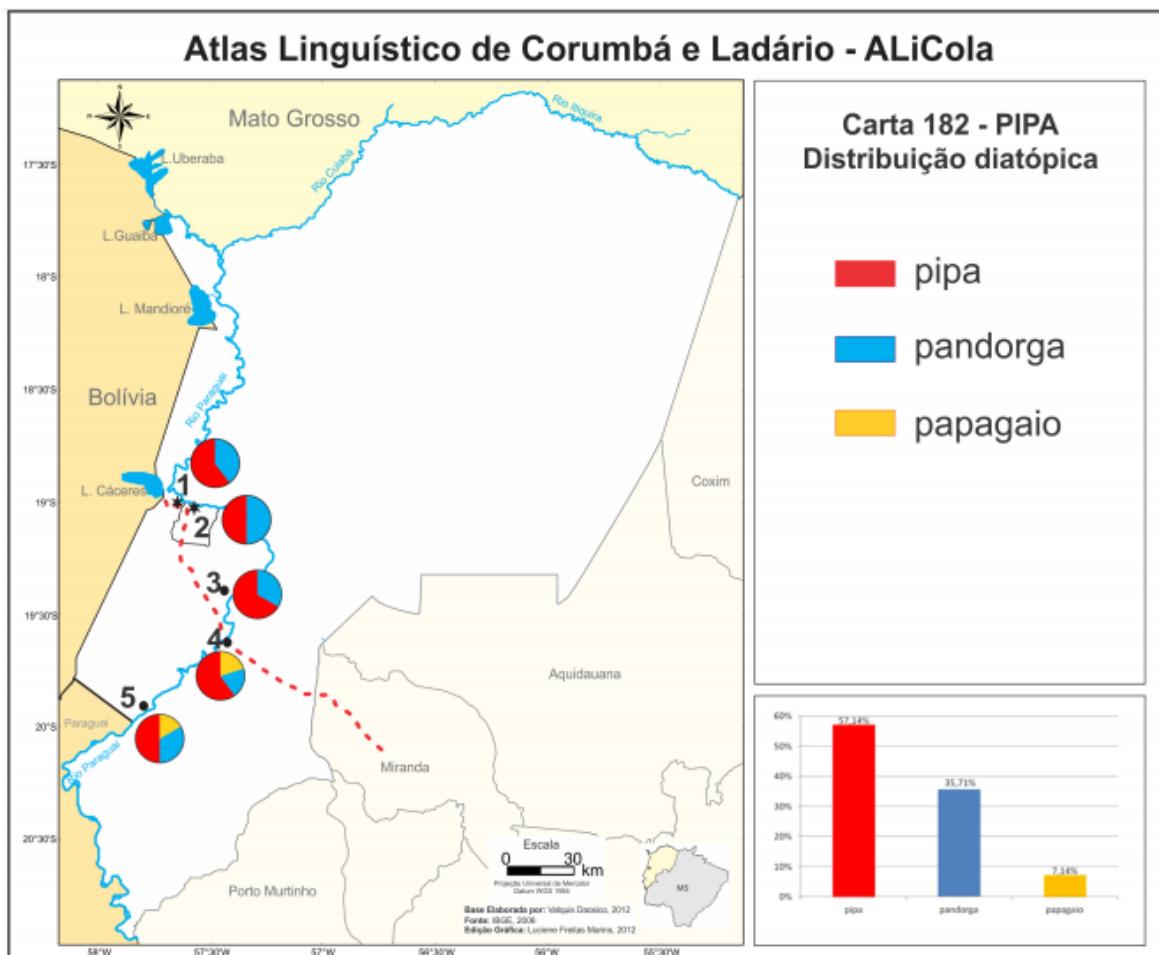
Fonte: Dissertação de Mestrado Beatriz Alencar, 2013, p. 515.

## ANEXO II: ATLAS LINGÜÍSTICA MATO GROSSO DO SUL



Fonte: Dissertação de Mestrado Beatriz Alencar, 2013, p. 515.

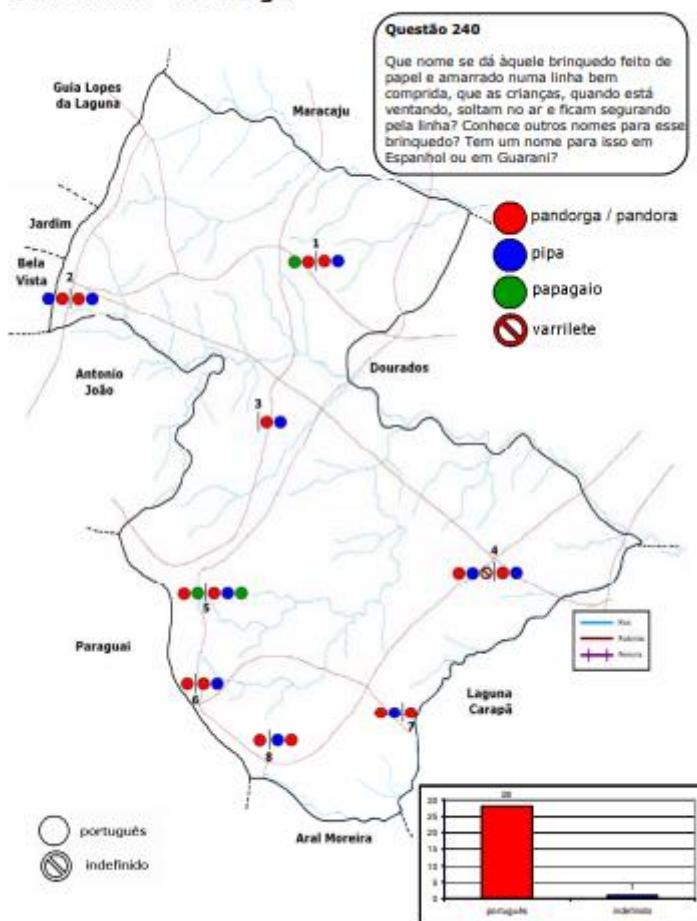
## ANEXO III: ATLAS LINGUISTICO DE CORUMBÁ – AliCola



Fonte: Dissertação de Mestrado Beatriz Alencar, 2013, p. 515.

## ANEXO III: CARTA 221– Pandorga

### CARTA 221 – Pandorga



**Fonte:** Dissertação de Mestrado Regiane Reis, 2006, p. 419.

Recebido em: 07/06/2022 | Aprovado em: 26/07/2022

Publicado em: 11/07/2025